

Vaticano, 2 de agosto de 2021

## **Mensagem para o dia da Memória do Beato Zeferino Giménez**

Como é bem conhecido, a Igreja celebra hoje a memória do Beato Zeferino Giménez Malla, o cigano que foi fuzilado em Barbastro em 1936 por tentar salvar um sacerdote. Na vida de Pelé, como é popularmente conhecido pelos ciganos, encontram-se refletidos os valores centrais da vida cristã. Era conhecido pela sua vida de oração, pela sua caridade constante; tinha também um dom natural para aconselhar. Como disse S. João Paulo II na sua beatificação, no dia 4 de maio de 1997, “foi, acima de tudo, um homem de profundas convicções religiosas”. (cf. *Homilia de S. João Paulo II na cerimónia solene da beatificação de Ceferino Giménez e companheiros mártires* em 4 de maio de 1997, 4).

Certamente que frequentar os sacramentos e a sua devoção mariana foram a base de tal atitude vital. Mas também o foi o preservar os valores tradicionais da cultura cigana, como a promoção da vida, a centralidade da família, o sentido religioso da vida, o acolhimento incondicional, a conceção humana do trabalho e a alegria de viver. No entanto, este ano quero frisar dois aspetos essenciais da vida do Beato Zeferino Giménez.

“Pelé” exercia o seu ofício de comerciante de animais, com um respeito exemplar pelos animais, semelhante ao de S. Francisco de Assis, a quem seguia como Terceiro Franciscano, como se “tivesse entrado em comunicação com tudo o que foi criado” (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 11), ensinando aos jovens ciganos a conhecer esses animais (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 33). No entanto, não era daquelas pessoas que se regia pela “incoerência de quem luta contra o tráfico de animais (...) mas que se desinteressa dos pobres” (Cf. Encíclica *Laudato si'*, 2015, 91).

Por isso, a atitude vital do Beato cigano não se limitava à Criação. Pela sua autoridade moral, era chamado com frequência, como pessoa de respeito, a mediar tanto nas disputas que surgiam entre famílias da comunidade cigana, como nos conflitos que por vezes perturbavam as relações entre ciganos e não ciganos. Não importavam nem a pertença étnica nem a condição social. Nele se cumpria o “reconhecimento basilar, essencial para caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (Cf. Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020, 106). Essa é a verdadeira amizade social e “o caminho que nos leva a uma verdadeira integração” (Cf. Regina Coeli do Papa Francisco do 8 de abril de 2018).

Pelé nasceu no seio de uma cultura que cuida dos seus mais pequenos e dos seus mais velhos com paixão. Sabem que tanto uns como os outros, pela sua vulnerabilidade, precisam de cuidado, embora também como agradecimento a Deus pelo dom das suas vidas. Por esse motivo, a celebração de hoje é também uma oportunidade para pedir à nossa sociedade que saiba “descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos. Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias” (Cf. Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020, 134). Por causa desse intercâmbio geracional, os ciganos estão mais preparados para isso do que as sociedades maioritárias, uma vez que “os valores da liberdade, do respeito mútuo e da solidariedade se transmitem desde a mais tenra idade” (Cf. Encíclica *Fratelli Tutti*, 2020, 114).

Os ciganos são peritos na fraternidade. As dificuldades que têm tido que enfrentar coletivamente, ao longo dos séculos, criaram neles um forte sentimento de pertença e de solidariedade de grupo. Daí que, segundo as notícias que têm chegado a este Dicastério, os mecanismos de ajuda recíproca tenham mitigado o impacto da pandemia entre eles, à qual estavam mais expostos, precisamente por viverem famílias numerosas em espaços reduzidos. Umhas famílias ajudaram as outras a seguir em frente. Quero também assinalar os dispositivos de urgência que também foram desencadeados aos níveis diocesanos, religiosos e civis. A pandemia fez-nos descobrir a nossa fragilidade e a nossa falta de solidariedade. Portanto, “a solidariedade hoje é o caminho a percorrer em direção a um mundo pós-pandemia, a uma cura das nossas enfermidades interpessoais e sociais. Não há outro. Ou seguimos em frente no caminho da solidariedade, ou a situação irá piorar. Quero repetir: não se sai de uma crise igual a antes” (Cf. *Audiência Geral* do Papa Francisco de 2 de setembro de 2020). Não nos esqueçamos que nestes tempos de pandemia, por exemplo em Stara Zagora (Bulgária), foi inaugurada uma escola e paróquia para os ciganos da cidade.

Também quero salientar a perda de Mons. Mario Riboldi. O sacerdote milanês, conhecido entre os ciganos como o *bàto Mario* ou o *sherò Mario*, foi para a Casa do Pai no dia 8 de junho, depois de uma vida de 57 anos dedicada à pastoral dos ciganos. Quanto fez, que humildade tinha e quanto lhe devemos! A sua vida foi a resposta à pergunta que se pôs em 1957, quando estava destinado à paróquia de Gnignamo e viu um acampamento cigano: “e quem anuncia o Evangelho a estas pessoas?”. Com uma atitude de missão, de Igreja em saída, encarnado na realidade cigana, soube inculturar o Evangelho e a liturgia e ajudar as famílias ciganas nas periferias urbanas e humanas, partilhando a sua vida diária feita de alegrias e tristezas. Inclusivamente traduziu o Evangelho para a língua cigana, escreveu muitas orientações pastorais nessa língua e viveu nas ruas e nos acampamentos, tendo percorrido toda a Europa na suas rulote-capela, desde 1971, tendo sido responsável pela pastoral dos ciganos na arquidiocese de Milão, até 2018.

Em 1958 enviou ao seu Bispo milanês, o Cardeal Montini, a proposta de uma pastoral específica para os ciganos. Uma vez eleito papa, S. Paulo VI não se esqueceu daquela proposta e organizou a primeira peregrinação internacional a Pomezia em 1965. Também deu um forte impulso à peregrinação internacional anual a Saintes-Maries-de-la-Mer (França) e aos encontros internacionais do *Comité Católico Internacional para os Ciganos* (CCIT). Porém se hoje o recordamos especialmente é porque foi ele quem descobriu a figura de Zeferino Giménez Malla e promoveu ativamente a sua postulação, até que S. João Paulo II o beatificou em Roma em 1997. Seguiram-se-lhe o apoio às postulações de Emilia Fernández, beatificada em 2017 e do Servo de Deus Juan Ramón Gil Torres, em processo de beatificação. A sua paróquia era uma rulote cujo sacrário estava tapado por uma cortina cozida à mão pelas mulheres ciganas.

Foi “o sacerdote dos ciganos”, um mestre da inculturação, do acompanhamento, da entrega e da humildade. Descobriu nos ciganos uma das poucas comunidades no Ocidente que colocam a fraternidade antes do egoísmo; e esta é uma das principais razões para a sua continuada exclusão em certos sectores da sociedade maioritária. Mons. Riboldi soube difundir os valores ciganos entre os não ciganos e às famílias ciganas deu o que tinha: o Evangelho e a sua própria pessoa, dedicando-se ao seu serviço. Quando por causa da idade lhe pediram que descansasse, respondeu que um pastor nunca abandona o seu rebanho. Viveu até 2020 na sua rulote do acampamento de Brugherio. Os ciganos por quem continuará a trabalhar na Casa do Pai, nunca o esquecerão, porque seguiu a Jesus Cristo que “se esvaziou a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2, 7).

Concluo dando graças a Deus pela vida de Mons. Riboldi e pedindo a Deus, por intercessão do Beato Zeferino Giménez, não só vocações ao serviço dos mais necessitados, mas também que as diferentes culturas descubram o dom da amizade social proposto pelo Papa Francisco.

Graças à colaboração com a Pastoral dos Ciganos da Conferência Episcopal Espanhola, queremos proporcionar um material pastoral para viver a memória do Beato Zeferino e dar testemunho do legado que Mons. Riboldi nos deixa com a sua vida e com a sua fé partilhadas diariamente com as comunidades onde parava com a sua rulote. Pode-se começar a utilizar o material nesta ocasião, mas também em momentos que se considerem oportunos, sobretudo neste tempo tão difícil. Esperamos que seja um instrumento útil para converter a memória num fermento que nos permite acolher o nosso próximo numa dimensão de verdadeira fraternidade cristã.

Expresso os meus melhores desejos a esta Memória, invocando a intercessão maternal da Virgem Maria e a bênção divina para quem se dedica a trabalhar na pastoral cigana. Aproveito esta oportunidade para renovar os meus sentimentos de profunda estima,

devotadamente seu em Cristo

Peter K. A. Cardeal Turkson

Prefeito